

Avaliação

Festival Recife do Teatro Nacional – 2024

Giovana Soar

O Festival de Recife de 2024, em sua 23 edição, nos apresenta este ano dois temas basilares – Atuação e Representatividade, consolidando assim mais uma vez sua importância no cenário das artes da cena no Brasil e provavelmente como o encontro de artes da cena mais relevante do Nordeste. A seleção passou por processo de Chamamento nacional, além espetáculos convidados diretamente pela organização do Festival, convidado em destaque este ano, sendo o ator homenageado Marco Nanini. Também foi Homenageada a atriz e ex Presidente do Sated de Pernambuco, Ivonete Melo, representada por sua filha, que se demonstrou muito emocionada com a homenagem. Ivonete foi célebre, e pelo que entendi, uma deslumbrante atriz, da grupo Vivencial, um dos grupos referenciais na história do teatro de Recife.

O Festival em números correspondeu a:

5 oficinas - 275 inscritos - 90 vagas -
343 projetos inscritos no edital e 237 habilitados -
36 espetáculos selecionados, sendo 22 locais e 14 nacionais .
43 sessões.
250 profissionais envolvidos , direta ou indiretamente.
05 pareceristas analisaram os projetos inscritos .

Soma-se a estes números a mostra OFF REC, que contou com:

09 espetáculos, 07 rodas de diálogos , 04 performances, 05 vivências.

A última informação que tive da arrecadação de alimentos, chegava a 6 toneladas, e atingiram 12 mil espectadores.

O festival iniciou propondo a abertura com o espetáculo “Traidor” com texto e direção de Gerald Thomas, um solo de Marco Nanini, ator recifense de trajetória inegável nas artes cênicas do Brasil. Sem falar de sua importância no cinema e na teledramaturgia nacionais. Nanini apesar de seu estado pós-operatório e de sua locomoção reduzida, aceitou ao convite, desempenhou da melhor maneira possível, sempre com sagacidade e humor, e se demonstrou bastante feliz com a homenagem.

Vale ainda ressaltar, a presença no evento de abertura, do Prefeito João Campos e das autoridades da cultura (a Secretaria da Cultura e o Presidente da Fundação Cultural) o que é simbólico para a validação não só deste evento, mas da importância que a cultura tem nesta gestão, o que é de extrema importância, pois não basta, nos dias de hoje, apenas financiar, mas é preciso se vincular a estas iniciativas de forma participativa. Isto não é apenas um exemplo de conduta dado pelo prefeito, mas alguém que tem um índice de aprovação tão significativo, vir ao teatro, nos nossos dias é sim um ato mais que político e de engajamento junta a sociedade.

Com uma programação mais robusta e mais democrática, geograficamente falando, do que na última edição, (9 estados representados) ficou muito mais difícil estar em todos os espetáculos, muito menos em todos os eventos propostos (entre oficinas, mesas, debates, etc). A distribuição de horários das peças, certamente foi pensada de antemão,

mas isso não impediu que muitos espetáculos se sobrepusessem, alguns a meu ver, para o pesar do público. Para o público que deseja seguir o máximo de espetáculos possíveis, incluindo aí, as equipes de trabalho do festival, estas escolhas são dolorosas.

Na sequência, no segundo dia do festival, tivemos a estréia do espetáculo "Édipo Rec" do Grupo Magiluth na cidade sede da companhia. O espetáculo certamente aguçava a curiosidade dos recifenses que como me disse um dos espectadores "é o único grupo da cidade em que o público vem assistir de uniforme", se referindo a quantidade de pessoas usando as camisetas com o símbolo do grupo. A estréia foi marcada por uma platéia extremamente animada, que acompanhou o espetáculo/festa ao longo de suas 2h30 com entusiasmo. E no dia seguinte pudemos participar da festa de vinte anos de um grupo de teatro, do Nordeste do Brasil, com atividade continuada, capaz de reunir, num espaço público da sua cidade quase 2 mil pessoas, numa festa que viu o dia raiar, num clima de amistoso, jovem, vibrante, com um agenciamento de artistas e não artistas da cidade numa celebração, acredito eu, poucas vezes vista no país. Sim, este grupo deve ser celebrado, não só pela qualidade do seu trabalho, mas pelo papel fundamental que desenvolveu nestes vinte anos, levando o nome da cidade e do estado pelo Brasil e pelo exterior, e incansavelmente juntando pessoas e exaltando sempre a cidade de Recife e suas origens.

É preciso ressaltar aqui a iniciativa da Mostra OFF REC, em sua primeira edição, foi extremamente importante para incluir no Festival experimentos cênicos, debates e formação, além da forte inclusão da cena de Pernambuco. A programação elaborada e proposta por Rodrigo Dourado e Edjalma Freitas ampliou certamente o conceito de Representatividade deste festival. Eu gostaria de destacar a experiência vivida no espetáculo "Oná Dudú, caminhos negros pelo bairro do Recife". Peça orquestrada por Marconi Bispo, que agenciou grupos e artistas negros representativos da cidade, em sintonia com o território, nos revelando espaços, praças, histórias e entidades, de maneira sensível e potente. Foi uma pena ter sido apresentada para um público tão reduzido. Mas levarei daqui esta experiência impar que me levou a descobrir a cidade com outros olhos, ampliando meus sentidos para a diversidade local.

Eu pude acompanhar os seguintes espetáculos:

Traidor – de Marco Nanini e Gerald Thomas
Édipo Rec - Grupo Magiluth e Luis Fernando Lubi Marques
Rei Lear – Cia Extemporânea de SP/SP
Antígona – A Retomada, da Luz Criativa / PE -
ONÁ DUDÚ – caminhos negros no Bairro do Recife/ PE
Sinapse Darwin – da Casa de Zoé de Natal /RN
Babau, Pancadaria e Morte ou Com quantos paus se faz uma canoa – Performance
Palestra de Marcondes Lima/PE
Franquinh@ e Instinto – do Coletivo Gompa de Porto Alegre/RS
Kalash – Ensaio sobre a extinção do Outro – Coletivo Resiste de Recife/PE -
Baba Yaga – Grupo Cênicas Cia de Repertório/ PE
Poema – Cia ator Nu/PE
Inacabado – Grupo Bagaceira /Fortaleza -CE
Paraíso – do grupo Teatro Máquina/ Fortaleza-CE
Esquecidos por Deus – Murilo Freire/PE
Pequeno Monstro – Silvero Pereira/RJ
Brás Cubas – Armazém cia de Teatro/RJ

Ou seja 17 peças, 02 debates, além de 02 festas, 02 jantares, 2 idas à praia e muitos arrumadinhos.

O Festival foi mais robusto e encorpado em todos os sentidos, em número de eventos, montagens, artistas, convidados, críticos, debatedores, curadores, e certamente em sua equipe.

Elenquei alguns itens principais que me chamam a atenção, sobretudo na estrutura organizacional do Festival como um todo. Não sendo eu crítica de teatro, e muito menos pertencendo a academia, não vou aqui nesta avaliação discorrer sobre os espetáculos vistos (este trabalho já foi realizado brilhantemente pela crítica que aqui estava presente), e como sou curadora e produtora vou me atentar a questões deste universo.

Gostaria de acrescentar que estas são observações escavadas dentro de um evento que considero ter decorrido em ótimas condições e que em nada aqui retiro o mérito do grande trabalho já realizado. São pontuações para pensarmos juntos no aprimoramento de nossas práticas e na aproximação dos nossos desejos artísticos com a produção do evento e com o público.

Dito isso, não me prolongarei nos conceitos curatoriais desta edição, pois os mesmos foram definidos por edital e as escolhas passaram pela pontuação dos pareceristas, a partir dos temas propostos pela direção. Vou apenas pontuar questões organizacionais e de relação com os artistas e a cidade, que considero importantes. Divididos nos temas abaixo:

1. Equipe técnica e equipamentos.

Pra manter essa robustez do festival é necessário implementar e aprimorar toda uma equipe, sobretudo a equipe logística, administrativa e técnica do festival. Realizar os contratações com mais antecedência, isso pode ajudar a evitar muitos problemas futuros. Emitir passagens com mais antecedência pode ajudar a melhor gerenciar o uso do dinheiro público. Agora o festival já estando calendarizado, essas aquisições e negociações podem ser feitas com muito mais antecedência. Vamos incluir nesta lista gastos com hospedagens e alimentação e locação de equipamento.

Para o equipamento técnico é necessário ter fornecedores grandes e que tenham muita variedade e quantidade de equipamento. Não é possível deixar pra fazer reservas de equipamentos, de microfones, de pedestais, de equipamento de iluminação, desde extensões, mesas, de som, de luz, muito em cima da hora. Isso compromete tecnicamente o festival. Isso compromete também os espetáculos.

Essa equação de investimento de dinheiro público pra trazer espetáculos que ocasionalmente não se realizam da forma como eles foram concebidos, ou na sua melhor performance, são questões que influenciam, sim, de perto o resultado dos espetáculos.

Às vezes muitos espetáculos são mal recebidos pelo público porque a técnica não estava 100%, porque a projeção não saiu como deveria sair, porque o próprio tempo de montagem no espaço é restrito, ou em condições acirradas de horários de trabalho.

Às vezes as passagens de avião são compradas sem fazer atenção aos horários de trabalho das equipes. Tudo isso pode acarretar e se evidenciar nas apresentações. São pequenos cuidados, que exigem pouco, mas que fazem grande diferença nas condições de trabalho propostas.

Alguns espetáculos nessa edição sim tiveram problemas com montagem, alguns técnicos são mais experientes, sabem prever com muita antecedência, prever todos os problemas antes de chegar, mas alguns técnicos não são tão precavidos e acreditam quando o festival fala que dará o equipamento necessário. Quando chega aqui, ou o equipamento chega em cima da hora da montagem, chega atrasado, ou não chega exatamente aquilo

que foi solicitado. Essas são questões muito delicadas e que precisam ser aprimoradas. Isso exige equipe competente. Ter uma equipe técnica, uma Direção técnica no festival que possa, em tempo hábil, estar atenta e poder sanar todos esses problemas em todos os espaços que o festival está ocupando, é tarefa de responsabilidade e de muita competência. Outra coisa a se considerar é ter durante as montagens um produtor do festival que responda pelo festival em todos os espaços. Acho que foi o caso este ano, não tenho certeza se em todas os espaços, não sei todos os espaços foram contemplados com produtores, mas ter alguém que possua todos os contatos necessários para qualquer problema, e que tenha autonomia.

Outra questão para ressaltar é a de espetáculos que possam por ventura ter maiores privilégios de atenção que outros. Não é porque um grupo é menos conhecido do público que ele pode ser desconsiderado em algumas questões ou ter menos atenção da equipe. Quando você convida alguém para vir a sua casa, todos são teus convidados e todos merecem a sua atenção 100%. Eu estou falando aqui (não como alguém que soube de algum ocorrido dessa natureza,) mas para que isso seja um critério importante e que esse critério seja também passado para toda a equipe do festival. Não é só o espetáculo de abertura, o espetáculo de alguém de maior renome, que merecem toda a atenção e cobertura. Isso é muito importante, porque nós falamos de democracia, nós falamos de igualdades, e nós precisamos exercê-la com muita sabedoria e com muito vigor. A gente não pode pregar na nossa vida princípios éticos e na hora de aplicá-los, enquanto poder público, sobretudo o poder publico, fazer estes tipos de distinções.

2. O Receptivo e Logística:

Um ponto pacífico neste Festival é a eficiência e simpatia da equipe de receptivas coordenada por Amanda Brindeiro. É sabido para artistas frequentadores de festivais que as pessoas que te recepcionam nos aeroportos, que são as primeiras com quem você estabelece vínculos, e que também são o primeiro rosto do festival quando desembarcamos, são muito importantes. Isso nos remetem ao ditado 'a primeira impressão é a que fica'. E neste caso, o Festival de Recife nos acolhe com as melhores impressões, e mantém durante toda nossa estadia, em companhia dessas maravilhosas profissionais, e encantadoras pessoas. Esta equipe é muito mais do que pessoas que cuidam da sua logística em Recife, elas cuidam de você no mais amplo sentido. É muito acolhimento, amizade, alegria, pessoas a quem imediatamente nos vinculamos e nos apaixonamos. Junta-se a elas, o não menos importante Seu Josué, que é um dos motoristas do Festival, mas que assim como as anteriores, ultrapassa amplamente sua função e de condutor, passa a ser amigo, confidente, conselheiro e guia turístico. Todos eles vão muito além de suas funções profissionais e se conectam ao Festival como algumas pequenas roldanas que fazem de tudo para ver esta grande roda do festival girar. Estas pessoas são a lembrança que queremos levar deste Festival como um todo. Elas fazem a diferença e devem ser homenageadas, parabenizadas e recompensados por isso. E mantidas, obviamente.

3. A alimentação

Não seria muito difícil para o festival estabelecer apoios, ou algum lugar próximo aos teatros, ou ao hotel, aonde se possa garantir refeições de qualidade e com cardápios variados durante o período do Festival. O fato de diárias de alimentação serem embutidas no cachê não retira do Festival a possibilidade de conseguir lugares (que possam permanecer com a cozinha aberta após 23h, por exemplo, ou que abram no domingo e na

segunda a noite) pois quando se está num cidade que não se conhece, assim como as pessoas, a comida é um fator de acolhimento importante. Este ano especialmente, nos sentimos um pouco abandonados e alguns elencos também, após os espetáculos. Seria muito bom, ter um lugar onde se pudesse ir com a segurança de que encontraremos as pessoas do festival, cozinha aberta, comida boa e com opções vegetarianas, veganas, etc. Distribuir um guia com indicações de lugares, também, é simples de ser feito, e pode ser uma demonstração de preocupação de bom acolhimento. Qualquer iniciativa neste sentido seria bem vinda.

4. As salas de espetáculos e Público:

Os espaços ocupados pelo Festival são muitos e múltiplos. Poderia ressaltar os muitos pequenos atrasos ocorridos, sobretudo no Teatro Hermilo Borba Filho, em função da grade complexa de espetáculos e de seus encadeamentos. Mas em se tratando de um festival com muitas atividades, os pequenos atrasos podem gerar grandes problemas, como desencadear atrasos em cadeia, para os espetáculos seguintes. Os horários das apresentações precisam ser elaborado com bastante cuidado para que o maior número de pessoas possa ser contemplado. Poderia citar o incomodo ontem, causado no Teatro Santa Isabel, gerado pelo público que estava vindo do Teatro do Parque, e que entrou com a peça já iniciada causando muito barulho e desestabilizando o espetáculo, plateia esta que só se acalmou depois de 20 min do inicio da peça. Há maneiras diversas de lidar com o público em atraso. Uma delas é aloca-los em lugares ao fundo da sala (uma vez que já não é mais possível acessar a frente da plateia, em respeito aos artistas). Outro item que ainda causa muito aborrecimento é o uso excessivo dos celulares durante as apresentações. Ainda é necessário, a meu ver, ter anúncios sobre o uso do equipamento nas platéias. O público ainda não usa de bom senso, muitas vezes filmando trechos longos, tirando muitas fotos, e até mesmo respondendo recados e entrando em suas redes sociais. Eu acredito que sim, ainda é nossa dever, enquanto organizadores de eventos, formar o público em questões delicadas como essa, que mesmo não havendo proibição ao uso dos aparelhos é preciso conscientizar que toda vez que você o faz, você está atrapalhando todas as pessoas que estão a sua volta, e muitas vezes também o artista em cena.

Destaque positivo da edição para o Palco Aurora, muito bem planejado e equipado, em lugar central estratégico, com programação adequada e que certamente agradou o público e divulgou a presença do Festival como um todo na cidade.

Considero ainda que a programação da Mostra dos espetáculos e da Mostra Off Rec necessitam de um olhar mais atento e minucioso para que sua elaboração seja feita em conjunto. Foi uma pena constatar que numa segunda feira, os dois únicos espetáculos estavam programados no mesmo horário, que não só divide mas frustra o público ter que optar por duas obras de grande interesse. Ter que escolher entre dois ótimos espetáculos como "Monga" do CE ou "Instinto" de RS (sendo que este tem só durava 50 min, teria sido bastante simples descolá-los do mesmo horário).

Não posso deixar de observar que este ano a ocupação dos teatros me pareceu mais esvaziada. Salvo os grandes nomes de Marco Nanini e Othon Bastos, os teatros ficaram sempre com muitos lugares vagos. Isso me causa pesar, tendo em vista que as entradas são gratuitas (ou quase, valendo um kl de alimento).

Sobre este assunto podemos considerar dois pontos:

1. que este ano, a realização do festival já na última semana de novembro, se entrecrocou com as festividades de natal e de fim do ano da cidade, e que isso pode ter ajudado ao esvaziamento das salas. O que visivelmente não aconteceu na edição de 2023. Fica a observação para a próxima edição, para que a própria Prefeitura não concorra com ela mesma em seus eventos, e mais uma vez, as decisões e organização feitas com antecipação podem driblar facilmente estas questões.
2. A segunda possibilidade do esvaziamento é a divulgação do Festival como um todo na cidade do Recife, o que nos leva ao próximo tema.

5. Comunicação:

Acredito ser este o ponto mais delicado, e mais frágil dessa edição.

A comunicação ela pode se dar em vários âmbitos: Comunicação institucional: entre a equipe do festival, seus realizadores, o poder público e os participantes.

Ou a comunicação com a cidade, ou como chamamos: a divulgação.

A comunicação institucional, ela precisa, a meu ver, ter esses pequenos cuidados, porque mora nessas pequenas faltas de comunicação o princípio de grandes problemas.

Problemas que podem gerar, no seu extremo, prejuízos tanto para a instituição, que nesse caso é o poder público, a prefeitura e Secretaria de Cultura.

Por exemplo: Seria imprescindível que todos os critérios de contratação estejam muito nítidos desde o princípio. Ou ainda já, claros nos critérios de seleção, nos critérios do chamamento e que tudo esteja muito bem descrito nos regulamentos. Clausulas dubias ou deixando margem a ambiguidades, ou ainda falta de detalhamento de informações, podem causar problemas e maus entendidos.

Talvez não tenha ocorrido nenhum caso específico nessa edição, mas, a meu ver, as contratações aconteceram com pouca antecedência ao evento, o que aliás, implica no atraso da divulgação como um todo. E em se tratando também de poder público, que como sabemos tem uma morosidade administrativa, nas aprovações, no empenho de valores, tudo é um pouco mais demorado do que num festival de cunho "privado". Essas contratações elas necessitam de mais antecedência e um pouco mais de cuidado na comunicação com todas as pessoas envolvidas, tanto com os convidados, como com os espetáculos, produtores e grupos, e também com as pessoas que trabalham para o festival.

Outra comunicação importante é sobre todos os detalhes da logística do festival, seria importantíssimo que as companhias realmente saibam com quem elas têm que falar, sobre passagens, sobre troca de passagens, sobre transportes de cenário, deslocamentos, montagem, estocagem, despacho, assim como datas, prazos, etc. Que os departamentos e responsáveis sejam também indicados para os grupos com mais precisão.

Eu sublinho, estas questões, que podem parecer evidentes, mas é onde grandes problemas podem ocorrer, e que se faça atenção. Contratamos que podem acontecer e se acumular ao longo do festival, e que podem ser muito prejudiciais para a própria imagem do festival. Você perder o prestígio de um festival que ao longo dos anos, por motivos organizacionais perde credibilidade e confiança seria muito prejudicial. Não só para a imagem do festival, como para a imagem da cidade como um todo. Esse descrédito seria muito impactante, não só para este festival especificamente, mas na rede

artística nacional como um todo.

Quanta a divulgação do evento propriamente dito:

Sabemos que o festival se utiliza da equipe da Secretaria de Comunicação e dos meios que a secretaria dispõe (humanos e financeiros). Uma cidade como Recife, com um milhão e meio de habitantes, sem contar as cidades conexas como Olinda, imagino eu. Como fazemos para atingir esta população?

E me surgem as perguntas:

A população como um todo sabe da retomada do Festival?

A cidade sabe que está acontecendo um Festival de Teatro?

E ainda, esse festival é feito para quem?

Se este festival é feito para a cidade como um todo, democraticamente, uma vez que é um festival que convoca um grande investimento da Prefeitura, do poder público, e é de graça, me pergunto, quem teve acesso aos eventos dessa edição?

Ele se pretende atingir a todo mundo (toda a população), e quem é esse todo mundo, efetivamente? São todas as classes sociais? Não é só o morador classe média, não é só a universidade, não são só os artistas. Este festival tem potencial para agregar a cidade inteira e fomentar esse público de teatro que talvez a cidade tenha perdido ao longo do tempo com a descontinuidade do evento. Então, e agora? Como reconquistá-lo e reconecta-lo. Que ferramentas estão sendo criadas e propostas para isso?

Nós estamos contentes com a ocupação das salas nessa edição e com o público que atingimos? Em algum espetáculo tivemos salas lotadas e gente pra fora? Alguma espetáculo aventou fazer sessão extra, por excesso de público na porta? Isso seria desejável, ou estamos satisfeitos ?

Vamos pontuar melhor:

A definição da programação, estando concluída com muito pouca antecedência ao início do evento, gera conseqüentemente uma corrente de atrasos, como por exemplo o Programa impresso que chegou na segunda semana do festival. Nem vamos falar de gastos concretos, com gráfica, elaboração visual, etc, mas do efeito cascata que é o tempo já inviável de distribuição desse material. Será um documento importante para a memória, mas sua principal utilidade será perdida. Eu não sei qual quantidade foi feita, mas talvez muito desse material seja descartado, porque não houve tempo viável de distribuição. Isso é uma pena. Mesmo assim, este foi o único material impresso que vi, e um pequeno programa talvez não seja suficiente para cobrir a cidade como um todo. Isto sobre o material impresso.

Agora sobre outros veículos, como as redes sociais:

Até onde pesquisei, o festival se utiliza do site da prefeitura e de suas redes sociais da mesma (@culturape) para divulgação, assim como um aplicativo que se chama "Conecta Recife". Imagino que outros canais de divulgação apoiem, como blogs e jornais virtuais da região. O festival também conseguiu visibilidade em jornal de rede nacional mas já no final de sua programação.

Hoje a comunicação ela se dá em muitos canais, ela é muito pulverizada. Os acessos que cada indivíduo, cada cidadão tem da sua cidade, são inúmeros e diversos. Então, quando falamos de todos, como faremos para chegar a esse todo? E aqui precisamos pensar em muitas realidades diferentes. E aí eu volto à pergunta para quem esse festival é feito? Esse festival tem uma potência de alcançar uma população incrível, justamente por ser um festival gratuito, ou quase. Eu acredito que existem mecanismos hoje muito competentes, muito avançados de comunicação. E eu acho que esse é talvez, no meu ver, o tendão de Aquiles desse festival. Um festival como esse, com as atrações que nós tivemos, ter salas vazias, não é justificável. Repito é um festival Gratuito. Ter lugares vazios nos teatros não pode ser um lugar confortável, mas sim uma meta a ser superada.

Então, vou ser um pouco mais provocativa aqui nesse assunto, porque também venho de um festival que tenta agregar o máximo possível de uma cidade inteira e contemplar todos os públicos, e é um festival pago e caro. Então, acredito que seja possível. Nós temos 33 anos de festival, numa cidade com poder aquisitivo semelhante a Recife, com características de capital brasileira muito similares em números e valores. (tirando o que fato que não temos praias e já estamos no verão...) Mas o que difere hoje esses dois festivais: o Investimento massivo em divulgação. Os canais da Prefeitura não são suficientes para contemplar estas metas e a equipe de comunicação ainda tem grandes desafios pela frente, e se fosse eu nesta equipe estaria muito animada em bater estas metas no ano que vem: "Teatro lotados 100%".

É evidente que o poder público, com a sua máquina, talvez não tenha todas essas possibilidades e essas ferramentas na sua mão. Então, como pensar isso, com antecedência, a longo prazo, com as ferramentas que o órgão público dispõe? Quando você entra no instagram da Prefeitura de Recife, você encontra algum posts sobre o festival, junto com outros eventos e outras comunicações da cidade. Isso é suficiente? Foi suficiente? A Mostra OFF Rec não está divulgada no Instagram da Prefeitura. Onde ela foi divulgada, eu me pergunto?

Não é possível fazer aportes públicos e não fazer esforços para que a cidade seja informada dos eventos.

Outra questão que se colocou este ano, foi a integração da equipe de críticos do Arquipélago, (composto por vários sites de críticas do país, que para Recife foi representado por 4 críticos, Kil Abreu (paraense radicado em SP, Fredda Amorim (de BH), Heloisa Sousa (de Natal/RN) e Ivana Moura (representando o Recife). É absolutamente necessário que as críticas produzidas por estes profissionais, que acredito desempenharam um papel importante neste edição, na construção de aprofundamento de discussão sobre o olhar para a cena, tenha um local para serem divulgadas pelo festival. Seus próprios veículos, mais uma vez, não são suficientemente expressivos (no sentido de seus alcances) para contemplar a cidade de Recife e sua classe artística. Mais uma vez um caminho alternativo de comunicação se faz necessário.

Sobre uma parte da população não estar disposta a ir "ao teatro carregando um kl de alimento", é certamente porque esta população poderia pagar por seu ingresso. Uma alternativa cabível, seria fazer um ponto de coleta (num shopping center, por exemplo, ou local da prefeitura), com antecedência, e estas pessoas ganhariam seus "vouchers" para os espetáculos, beneficiando de uma entrada prioritária. Apenas uma ideia possível.

Voltando ao tema específico: na minha busca por outros mecanismos de divulgação utilizados pelo Festival, me deparei com os dispositivos dos Totens luminosos com QR codes, móveis.

Considero este um assunto bastante delicado. São totens móveis manejados por pessoas que andam pela cidade, totens luminosos, onde você pode acessar a programação através de um QR Code, que nos levava diretamente ao Instagram da prefeitura. Sobre este acesso, ele poderia, no mínimo, nos encaminhar para um programa diferenciado, onde você poderia ter ficha técnica, sinopse de cada espetáculo, de cada grupo, com uma informações mais completas da Mostra. Infelizmente, era o mesmo material, apenas contendo títulos e horários dos espetáculos, além de informações básicas.

Eu desconheço a realidade local, de taxa de desemprego, salários, remunerações, práticas de divulgação na rua, numa cidade de praia, onde a circulação de pedestres é grande...enfim, mas confesso que para quem vem do sul, ou do sudeste, fazia muito tempo que não me deparava com esse tipo de prática, onde pessoas são "coisificadas".

Trata-se de pessoas, jovens, vestidas de preto, ou seja invisibilizadas, carregando totens luminosos nas costas. Eu não vou falar sobre as possíveis questões de insalubridade, como o que isso pode ser prejudicial para estes corpos, ao estarem expostos ao calor e a chuva, horas em pé andando pela cidade, etc. O que me causou espanto é um festival de teatro, um evento artístico e portanto sensível, achar cabível esta ferramenta. Eu vou citar aqui alguns exemplos de possibilidades, onde até estes próprios totens luminosos poderiam estar contemplados, mas sem dispor (ou indispor) de pessoas para tanto: Bicicletas, carrinhos de vendedores ambulantes, motos, moto taxi, moto uber, bicicletas de aplicativo, busdoor, outdoors, cartazes em paradas de ônibus, cartazes em espaços culturais, espaços da Prefeitura (museus, órgãos públicos, repartições, shoppings, supermercados) ou ainda simplesmente o próprios tótenes nas entradas dos teatro, em suportes imóveis. A cidade ainda poderia pensar em quiosques nos shoppings centers, divulgação nos quiosques da praia.

Eu entendi que a prefeitura fez um contrato com uma empresa de marketing que tem expertise nesse tipo de campanha com promotores e que subcontratou esses promotores. Espero não estar agredindo ninguém com minhas ponderações e minha fala, mas eu pesquisei, eu achei realmente o valor pago para os promotores irrisório e eu diria que é vergonhoso. Então, eu não sei como isso foi percebido pela cidade, se é uma prática recorrente, ou “normal”. Da visão de alguém justamente que vem de fora, e acho que é para isso que vocês também chamam um avaliador de fora, para que a gente traga talvez outras perspectivas. Eu achei um trabalho degradante, perpetrando estruturas de sub-empregos e sub-remuneração. Voltando a falar de sentidos mais amplos de um evento como um Festival de Teatro, as simbologias e estruturas de poder não devem ser desconstruídas apenas na cena, mas em decisões como esta em nossa vida concreta. De nada vale nossos esforços na cena para desconstruir estruturas de poder, massificação do trabalho e esmagamento de individualidades se nossas práticas não podem espelhá-las.

Fica aqui a minha consideração final, que eu acho que é o mais importante a se pensar. Para quem estamos fazendo esse festival? Essa é a pergunta. E se a resposta é para todos, essa é uma resposta que tem muitas implicações e que vale a pena se debruçar sobre essa resposta e entender como nós vamos atingir esse todo.

Eu desejo ao festival que essa ampliação de público, seja alcançada brevemente, e que a ampliação deste público seja sempre maior, porque nós sabemos que a demanda por bons espetáculos e eventos culturais existe. Eu desejo que o festival se mantenha robusto, forte, íntegro, sempre integrado às questões da sociedade, às questões pungentes, e as questões da representatividade. Questões democráticas, de igualdade e de oportunidades, que possam ser não só temas, mas metas, e que cada vez mais o festival possa se ampliar em tamanho, em qualidades, em profundidade e que seja cada vez mais importante e necessário para a cidade de Recife.